Perspectivas para o mercado mundial em 1996

As perspectivas para a safra mundial são otimistas. Entretanto, o baixo nível dos estoques internacionais poderá provocar uma pequena alta nas cotações.

O início da década de 90 foi assinalado pelo crescimento acentuado nas importações brasileiras de arroz beneficiado em relação aos anos anteriores. Após o recorde de 2 milhões de toneladas importadas em 1986, nos anos finais da década de 80 o mercado atravessou uma crise relacionada ao excesso de oferta, embora também tenha havido importações nesse período.

Da safra 1989/90 para cá, as importações anuais têm sido muito significativas, consolidando nossa condição de não auto-suficiência. Com isto e com a baixa proteção do mercado interno advinda da abertura comercial, a formação dos preços domésticos é cada vez mais influenciada pelos parâmetros do mercado internacional, tal como ocorre hoje com a soja, o algodão e o milho.

A competição com o produto importado em condições desfavoráveis ao produtor brasileiro tem afetado o mercado. O longo prazo de pagamento das importações (que ia de oito meses a um ano), aliado aos juros internacionais menores, e os preços muito competitivos do arroz estrangeiro têm causado entraves à comercialização interna nos últimos anos.

Reconhecendo os fatos, o governo confirmou na política comercial do arroz para a safra 1995/96 a opção de manter a obrigatoriedade do pagamento à vista mesmo para as operações com o Mercosul, permanecendo também a taxação de 20% sobre as importações extra-Mercosul.

Os produtos asiático, americano ou do Mercosul são do tipo agulhinha, confundindo-se com o produto nacional. A dona de casa brasileira não percebe a diferença.

As importações têm atingido em média cerca de 10% do consumo anual do cereal, segundo a Conab. A maior parte é oriunda do Mercosul, ficando o restante dividido entre países asiáticos, como a Tailândia e o Vietnã, e uma pequena parte dos EUA.

Quem importa o arroz?

A maior parte das internalizações no Brasil é feita através de três ou quatro *tradings* que fazem a intermediação do produto da origem para os empacotadores ou diretamente para as grandes redes varejistas.

Os produtos asiático, americano ou do Mercosul são do tipo agulhinha, confundindo-se com o produto nacional. No empacotamento, recebem marcas brasileiras, e a dona de casa não percebe a diferença. Em geral, o consumidor brasileiro prefere o tipo 1, com o máximo de 8% de quebrados.

Na compra do produto asiático é comum *a trading* mandar um representante para percorrer as zonas de beneficiamento e selecionar os melhores lotes. No Vietnã e na Tailândia, o beneficiamento é mais arcaico, o que requer cuidado devido à possibilidade de haver rejeição por parte do consumidor brasileiro. A entrega do produto asiático também é mais lenta que a do produto americano, levando em média 30 dias para chegar aos portos brasileiros a partir da efetivação do negócio. De acordo com agentes do mercado, com o produto americano não há necessidade de efetuar vistorias antes do embarque, dado o elevado profissionalismo do setor arrozeiro daquele país. A mercadoria também chega mais rápido ao Brasil, atingindo em média um prazo de 20 dias.

Devido às facilidades anteriores com as operações de importação, tais como o dilatado prazo de pagamento, juros internacionais reduzidos e baixas cotações do produto, houve grande euforia das *tradings* em internalizar arroz, já que, além de tudo mais, a colocação do produto era certa devido ao déficit anual de arroz agulhinha. Muitas sequer tinham tradição comercial com o cereal. Para se ter uma idéia, no ano de 1995 cerca de 48 empresas solicitaram à Secretaria de Comércio Exterior guias para a importação do produto. O maior volume de solicitações ficou por conta de cinco empresas, entre elas Glencore Agrocomercial, Camil Alimentos, Saman Indústria e Comércio de Cereais, Agropec Comércio de Produtos Agrícolas e Participações e Suprarroz S.A. Indústria e Comércio.

É interessante observar também que as safras dos países asiáticos e dos EUA ocorrem justamente no período da entressafra brasileira. A safra americana ocorre em agosto/setembro e a asiática, em outubro/novembro. Já os países do Mercosul (Argentina e Uruguai) possuem o mesmo calendário de colheita brasileira, ou seja, suas safras ocorrem a partir de março, se estendendo a abril/maio.

Características do mercado internacional

De acordo com o USDA, o mercado internacional de arroz possui várias características que o distinguem dos outros mercados de cereais.

O volume anual comercializado, bem como os preços do cereal se apresentam geralmente mais instáveis do que os dos outros grãos por várias razões. Em primeiro lugar, um baixo percentual da produção mundial, menor do que 5%, é comercializado anualmente. Em segundo lugar, mais de 90% da safra mundial são produzidos e consumidos na Ásia. Essa concentração da produção na

Ásia faz com que o mercado fique altamente vulnerável a choques climáticos, comuns naquela região. Outra razão seria que, nos principais países consumidores, o consumo de arroz é pouco sensível à variação dos preços (ou seja, a demanda é rígida, variando menos do que para os outros cereais em função de alterações de preços), devido, em parte, à relativa escassez de substitutos aceitáveis na dieta alimentar desses países. Em quarto lugar, no mercado mundial não é nítida a ação de um grande detentor de estoques, um país que exerça função estabilizadora de preços assim como os EUA atuam com o milho e o trigo, em relação à União Européia. Finalmente, a formação de preços em geral não é transparente porque não existe um mercado de referência aceitável nem um conjunto de padrões unificados para definir de modo conveniente as gradações de qualidade do arroz no mercado mundial. Países tipicamente exportadores como Argentina, Austrália, Paquistão, Tailândia, Uruguai e Estados Unidos são fornecedores confiáveis em termos de qualidade e classificação. Entretanto, exportadores secundários como Burma, China, Guiana, Índia e Suriname são menos confiáveis e em resultado o comprador no mercado internacional assume elevados custos e riscos na busca dos melhores padrões.

Em 1995, cerca de 48 empresas brasileiras solicitaram à Secex guias de importação de arroz.

Segmentação do mercado internacional por tipo

O mercado mundial é altamente segmentado, de acordo com preferências de qualidade bem definidas pelos consumidores. O comércio pode ser diferenciado tanto pela qualidade (alta, intermediária e baixa) como pelo tipo (grão longo, grão médio, *glutinous* e aromático). A qualidade é definida em função de uma graduação pós-beneficiamento, de acordo com o percentual de quebrados. Esse aspecto varia em função das características da agroindústria processadora dentro de cada país, sua capacidade de obter padrões bem definidos de qualidade e ainda das variedades utilizadas nas lavouras.

Nos anos recentes predominaram os grãos longos no comércio de arroz. Uma estimativa feita pelo USDA sugere que, *grosso modo*, nos anos 1991-93 o comércio total foi composto de 40% de grãos longos de alta qualidade (10% ou menos de quebrados), 23% de grãos longos de qualidade intermediária (10 a 20% de quebrados) e 22% de grãos longos de baixa qualidade (mais de 20% de quebrados). O comércio de grãos médios (principalmente da variedade *japonica*) atingiu apenas 13% do volume negociado em todo o mundo, embora tenha ganho uma recente importância conjuntural em função das importações do Japão e da Coréia do Sul.

Os EUA competem principalmente com a Tailândia e o Vietnã pelo mercado de grãos longos de alta qualidade. A Tailândia é também um forte competidor no mercado de grãos longos de intermediária e baixa qualidade. Seus principais concorrentes são Burma, China, Paquistão e Vietnã.

Brasil — arroz em casca — importações 1990-96

Ano	Importação	% da importação sobre a produção
1990	717,6	9
1991	1.296,6	13
1992	732,3	7
1993	880,9	9
1994	1.565,5	15
1995	800	7
1996[1]	900	9

Fonte: Conab.
[1] Dados estimados.

Os grãos médios são preferidos na Ásia Oriental, norte da China, península coreana, Japão e Taiwan, junto com vários países da costa mediterrânea (Algéria, Egito, Israel, Jordânia, Síria e Turquia). Estados Unidos, Austrália, Espanha, Itália e mais recentemente a China competem no mercado de grãos médios.

Os EUA e a China são os únicos países que produzem quantidades significativas de ambos os tipos, grão longo e médio. A União Européia importa grãos longos de alta qualidade, enquanto exporta grãos médios.

Países importadores: regulares ou eventuais

Os países importadores podem ser agrupados em duas principais categorias. Em primeiro lugar, aqueles que importam regularmente, devido à incapacidade da produção interna de satisfazer suas necessidades de consumo. As mais importantes regiões desse grupo são o hemisfério ocidental (excluindo EUA, Argentina, Guiana, Suriname e Uruguai), a Europa ocidental e oriental, a África subsaariana, Hong Kong, Malaísia e Papua Nova Guiné.

Canadá, Europa Ocidental, Arábia Saudita e África do Sul importam exclusivamente grãos longos de alta qualidade. A América Latina e o Caribe são mais sensíveis às oscilações de preços do mercado, e só importam grãos de alta qualidade quando o preço permite. Os países mediterrâneos estão emergindo como um forte mercado para grãos médios.

O segundo grupo de importadores inclui países que importam somente quando sua produção é reduzida e há um déficit no balanço de suprimento. Os maiores participantes desse grupo são Indonésia, Índia, Japão, Filipinas e Coréia do Sul. Este segundo grupo é o que possui maior capacidade de provocar choques de preços no mercado mundial.

Na recentemente finalizada Rodada Uruguai do Gatt, Japão e Coréia do Sul acordaram abrir gradualmente seus fechados mercados para as importações.

Em função disso, espera-se um aumento futuro no volume negociado no mercado de grãos médios, bem como elevações nas cotações dessas variedades.

Anos 2000: a produção conseguirá satisfazer a demanda mundial?

O mercado mundial de grãos longos (de todas as qualidades) exibe forte tendência de crescimento até o ano 2005, devido principalmente ao aumento populacional e da própria produção, sobretudo na África, América Latina e também em países industrializados como Canadá, Estados Unidos e Europa Ocidental. De acordo com o USDA, o volume do comércio deverá crescer a taxas de 2,4% ao ano até o fim da década de 90 e 2,9% ao ano até 2005, num ritmo muito mais intenso do que o observado nos anos 80%, de 1,1% ao ano.

Caso a produção mundial seja incapaz de se expandir tão rapidamente quanto o esperado para a sua demanda, os preços poderão subir acentuadamente no futuro.

Perspectivas para 1996

De acordo com o último relatório do Banco Mundial, os preços do cereal no mercado internacional vêm crescendo diante da expectativa de que os estoques mundiais cairão a seu mais baixo nível em mais de 20 anos, a despeito de a produção mundial poder alcançar um novo recorde em 1996. O consumo de arroz vem excedendo a produção anualmente desde 1990/91, e os estoques poderão cair a 11,8% do consumo mundial até o final da safra 1995/96 (em julho de 1996), bem menos do que a média de 16% observada nos anos 80.

Os estoques de arroz de baixa qualidade exportados pela Índia, no entanto, estão limitando a alta nos preços, a despeito dos reduzidos estoques de grãos longos de maior qualidade. A Índia, que possui grandes estoques disponíveis para a exportação e baixa capacidade de armazenar apropriadamente essas reservas, deverá exportar 3,3 milhões de toneladas em 1995. Outros grandes exportadores de arroz de baixa qualidade, como Burma, China e Vietnã, esgotaram seus excedentes exportáveis.

Há dois tipos de países importadores: os que importam regularmente e aqueles que só numa emergência compram no mercado mundial. O Brasil se consolida a cada ano na primeira categoria.

A despeito da abundância do arroz de baixa qualidade, a diferença de preços entre os grãos de alta e baixa qualidade deverá permanecer estreita. Em setembro de 1995, o Thai 5% broken foi cotado a US$360,00/t e o Thai A1 Special 100% broken a US$285,00/t. Esse diferencial estreito entre os extremos de qualidade, muito abaixo dos 49,7% de 1993 e 46,8% observados em 1994, reflete compras expressivas de Bangladesh, China e Indonésia.

O USDA, no entanto, pondera que os preços internacionais, que vinham sendo sustentados por forte demanda asiática e estoques mundiais reduzidos, poderão enfraquecer no início de 1996 com a expectativa da próxima colheita da Ásia ser "cheia". Assim, o continente reduzirá suas compras externas e poderá até acumular excedentes exportáveis.

O comércio mundial em 1996 está projetado para 16,2 milhões de toneladas, mostrando uma queda de 17% em relação ao recorde de 1995. Bangladesh, China, Indonésia e Irã deverão reduzir significativamente suas compras externas.

A maior dúvida no comércio mundial em 1996 é relativa à China, que importou uma quantidade expressiva em 1995. Em 1996 espera-se que obtenha uma grande colheita, reduzindo sua necessidade de importações. É bom notar que o USDA projeta queda nas importações chinesas, que ainda assim continuarão significativas: cerca de 1 milhão de toneladas.

As perspectivas do Banco Mundial são mais generalizadas, e ainda que projetem para 1996 um crescimento nas cotações internacionais, esse avanço não deverá ser muito expressivo, permanecendo o mercado mundial em patamares bem abaixo daqueles observados nas décadas de 70 e 80.

As projeções do USDA podem ser divididas para curto e médio prazos. No curto prazo, os preços permanecem firmes, sustentados por demanda mundial aquecida e estoques reduzidos de arroz de boa qualidade. Entretanto, a médio prazo a perspectiva de uma boa safra asiática pode limitar ganhos expressivos nos preços.

A produção mundial de arroz beneficiado em 1996 está projetada pelo USDA em 359,5 milhões de toneladas, ligeiramente inferior ao recorde do ano anterior. O consumo global está estimado em 365,2 milhões de toneladas, ou seja, superior à produção, provocando um declínio nos estoques mundiais que deverão atingir 42,8 milhões de toneladas.

Balanço mundial de oferta e demanda de arroz beneficiado — 1988-96
(milhões de t)

Ano	Produção	Consumo	Exportações	% Exp./ consumo
1988	329,7	325,4	13,9	4
1989	343,1	338,2	11,7	4
1990	350,7	345,9	12,1	4
1991	349,5	351,5	14,1	4
1992	352,6	355,1	14,8	4
1993	352,2	356,9	16,1	5
1994	352,4	356,8	16,3	4
1995	360,5	361,0	19,5	5
1996	359,5	365,2	16,2	4

Fonte: USDA.

A colheita tailandesa de 1995 foi estimada em 11,6 milhões de toneladas de arroz beneficiado, 3% inferior à safra de 1994 devido às enchentes de agosto/setembro. Mas a projeção de queda na safra de 1995/96 está pequena, em função da alta conjuntural dos preços internacionais que ainda poderá estimular expansões na área de plantio daquele país, cujo calendário de colheita é maio/junho.

A Índia deverá produzir 79 milhões de toneladas de arroz branco. Embora esse resultado seja menor que o recorde anterior de 81,3 milhões de toneladas, deverá garantir um bom estoque e ainda permitir fartas exportações em 1996.

São esperadas produções muito elevadas em Burma, Filipinas e Vietnã, devido à expressiva expansão de área.

ELIANA CONDE BARROSO LEITE VIGLIO